

(UM PROCESSO, AINDA EM CONSTRUÇÃO, QUE CONSIDERO PRONTO.

Ou

“MINHA MELANCOLIA ME FAZ COMPANHIA”.)

Por: Gilberto Bartholo – O teatro me representa

Começar a semana, numa segunda-feira, assistindo a “UM ENSAIO PARA AMARO”, no CCBB (Rio de Janeiro) – Teatro II, com EDUARDO RIOS, é um bom presságio, sinal de que a semana teatral promete grandes surpresas e emoções. Assim, iniciei uma postagem, numa rede social, tão logo cheguei a casa, depois de ter assistido ao espetáculo, motivo desta modesta crítica.

Por mais paradoxal que possa parecer, **existe beleza na tristeza**. Mais que isso, **poesia**. É possível que se construa uma **ode à tristeza**, explorando caminhos nunca, antes, percorridos, quando ela é o tema. É o que nos provam **Yael Karavan** e **Eduardo Rios**, criadores e idealizadores do projeto. Ela também **dirige** o espetáculo, enquanto ele se doa, por inteiro, na **representação de dois personagens**, que se fundem num só: um ator (**Zack**) e **Amaro**, um de seus personagens.

Com relação ao processo de construção da montagem, considerado, pela **produção** e pelo ator, “**ainda em processo**”, embora eu já o considere pronto, diz **Eduardo**: “**UM ENSAIO SOBRE AMARO é um espetáculo solo que construí a partir de um encontro com a artista Yael Karavan, no Rio de Janeiro. Nós já nos conhecíamos e a convidei para explorar um tema que já perdurava em minha cabeça havia três anos: a tristeza. Nessa época, eu ainda não imaginava que, desse encontro, nasceria um espetáculo. Mas eu sentia uma necessidade grande de me aprofundar mais no universo do teatro físico, que sempre foi a base da minha formação artística. Levei alguns materiais, que eu havia colecionado em torno do tema, como músicas, cores, roupas, imagens, textos, arquivos familiares e uma máscara, que eu tinha confeccionado, sob a orientação do Grupo Moiatará, a qual veio a se tornar um ponto chave da criação e da peça. Após uma semana, percebemos que já tínhamos o esboço de um espetáculo, mas, devido aos limites da distância física (Yael mora em Brighton, na Inglaterra), foi necessário aguardar dois anos, até que eu pudesse reencontrá-la, para criar a peça em mais duas semanas**”.

E continua: “**O tema da tristeza começou a nascer, em mim, em 2011, enquanto eu estudava TEATRO, em Londres, e caminhava, pelas ruas, tentando compreender aquela melancolia que se instalava em mim, de uma maneira nunca, antes, sentida. Com o passar do tempo, fui me habituando a ela e, mais do que isso, comecei a me encantar por ela. A melancolia se mostrou uma grande companheira, que me tornava criativo, reflexivo e mais conhecedor de mim mesmo. Numa sociedade em que a tristeza é abominada, decidi adotá-la e torná-la tema do meu espetáculo solo. Busquei referências da minha própria vida, como o meu próprio avô, Amaro Edno Rios, que carregava um divertido e sarcástico ar melancólico em seu semblante. E, então, criei dois personagens: ZACK, baseado no meu lado que não aceitava a tristeza, e AMARO, baseado na tristeza que me estagnava. O encontro entre os dois personagens me permite chegar, durante o espetáculo, no EDUARDO que sou hoje: o que aceita a tristeza e dialoga com ela, para entender mais sobre si mesmo sem se estagnar**”.

Depois dessas belíssimas palavras do ator/criador, qualquer pessoa, com o mínimo de sensibilidade e paixão pelo **TEATRO**, certamente, sentirá vontade de correr ao **Teatro II**, do **Centro Cultural Banco do Brasil (Rio de Janeiro)**, para ser apresentado a essa obra-prima de uma **arte** multifacetada, mais do que, somente, **TEATRO**.

Aqui estão palavras da **diretora** da peça, material, como o anterior, retirado do “**release**”, que me chegou às mãos, via **assessoria de imprensa (LUCIANA DUQUE)**: “Quando **EDUARDO** me convidou para dirigir o seu solo, ele me mostrou uma bela máscara, que tinha feito. Conhecendo-o bastante, eu não poderia imaginá-lo por trás de uma máscara o espetáculo inteiro. Então, começamos a pesquisar várias maneiras de criar a peça, aproveitando seus diversos talentos. Isso se deu por meio de trabalhos com teatro físico, comédia, música e objetos. O resultado foi um leque de ferramentas, composto, de maneira única, para os múltiplos talentos de **EDUARDO**. Foi um prazer descobriremos, juntos, esse material e um desafio trazer à tona todos esses elementos no que veio a se tornar uma história muito especial, feita por um completo arco-íris de cores e emoções”.

Então? Cresceu a vontade de assistir ao espetáculo, não é? Não se permita, portanto, perdê-lo!

É um pouco difícil analisar o espetáculo, tecnicamente falando, porque o que rola de emoção, da primeira à última cena, roubou-me um pouco do referencial crítico, porém, em compensação, me fez embarcar numa linda viagem, tendo a tristeza como companheira de assento.

O **texto**, propriamente, **verbal**, que pouco aparece em cena, não exerce grande influência no monólogo. O que o seu conteúdo desperta e se amplia é o que há de mais importante nesta montagem. Uma frase do **personagem ator, ZACK**, dita, ao telefone, repetidas vezes, mudando, apenas, o adjetivo final, cada vez mais “bombástico” - “**Gerald, eu tenho um novo personagem pra você. Ele é SENSACIONAL!**” – é responsável por todo um **texto** acessório, não-verbal. Ela representa a tentativa de não aceitação da tristeza, personificada em **AMARO**, personagem do qual **ZACK** deseja se afastar definitivamente, mas se vê obrigado a fazê-lo, mais uma vez, por dinheiro, ou seja, para garantir, por meio de um trabalho, a sua subsistência, na condição de pessoa. Trata-se daquela condição em que muitos artistas se veem, durante sua trajetória profissional, vendo-se obrigados a aceitar trabalhos que não lhes satisfazem. Aliás, isso ocorre em qualquer atividade profissional. Só que, aqui, metaforicamente, o não querer representar **AMARO** significa não querer mais ser triste.

São várias as tentativas, todas infrutíferas, de “enterrar” **AMARO**, até o ponto de **ZACK** aceitar a tristeza – mais que isso, a melancolia – como companheira, convivendo com ela, numa zona de conforto, que nos contagia.

A atuação de **EDUARDO RIOS** é algo comovente. Não se pode chamá-lo, apenas, de **ator**, porque ele é um **artista completo**, com um total controle do corpo (até o ato de se vestir, em cena, é coreografado) e das expressões faciais, da mesma forma como canta bem e dança com muito desembaraço e flexibilidade. Revelou-se, também, pelo menos para mim, um grande mímico e ilusionista. Sem falar nas suas qualidades como multimusicista e no seu imenso carisma. E ele não precisou de alguém para lhe indicar uma **direção de movimento**; o próprio se dirigiu.

O que se vê em cena é fruto de muito tempo de pesquisa e dedicação a uma ideia, a um projeto que, por mais simples e “despretensioso” que possa parecer, requer talento de dois grandes artistas: **EDUARDO RIOS** e **Yael Karavan**, esta com um trabalho muito feliz de **direção**.

A simplicidade do **cenário**, ainda que criativo, que o **ator** altera, durante a peça, cuja autoria não aparece na **ficha técnica**, mas, talvez, possa ser atribuída a **Júlia Fontes**, a qual, lá, está como responsável pela **direção de arte**, ganha relevo, quando bem iluminado pelo **desenho de luz** de **Rodrigo Maciel**, que cria alguns lindos efeitos de sombra.

Embora, também, não conste, na **ficha técnica**, o nome de um(a) responsável pelo **figurino**, totalmente em conformidade com o espetáculo, soube que sua **concepção (?)** coube a **NATASCHA FALCÃO**, que consta, na **ficha**, como responsável pela **assistência artística**.

A **máscara do personagem AMARO é uma obra de arte**, confeccionada por **EDUARDO RIOS**, sob a supervisão do **GRUPO MOITARÁ**. **Quanta expressividade!** Esta, associada aos gestos com a cabeça e ao comportamento corporal do ator, fala mais do que qualquer palavra.

Há, ainda, no espetáculo, uma bela **trilha sonora**, que conduz as cenas, mormente naquilo que podemos chamar de segundo momento da peça, quando o silêncio das palavras é quase total, cedendo lugar à representação gestual. Embora também não esteja presente na **ficha técnica**, tudo indica que seja da responsabilidade e criação do próprio **EDUARDO RIOS**. Tem a sua marca.

O espetáculo é fascinante, e nem os que já conhecem o excelente trabalho de **EDUARDO RIOS** fazem ideia da grandiosidade desta sua experiência num espetáculo-solo.

**Trabalho lindo e emocionante, indescritível, que eu recomendo, às segundas e quartas-feiras, às 19h30min, somente até o dia 21 de novembro.**

**SURPREENDENTE e IMPERDÍVEL!!!**